

## **A palavra como vida e luz – uma aproximação entre Adrienne von Speyr e Charles André Bernard**

*Cleudir José dos Santos\**

**Resumo:** Os dois autores principais que tomamos neste estudo, Adrienne von Speyer e Charles André Bernard, tratam dos temas da vida e da luz no Prólogo do Evangelho de João como a origem da palavra. A ideia, ao relermos uma vez mais, em específico, os versículos 1,4-5 do Prólogo de João, dialogando e fazendo uma aproximação entre a mística Adrienne e o teólogo Bernard, é justamente experimentarmos a força e a felicidade da salvação em Jesus, conforme a Palavra. Assim, através de uma pesquisa bibliográfica, são colocadas em comparação as respectivas abordagens dos dois autores. A primeira, de profunda visão mística, adota naturalmente a linguagem simbólica. O segundo, estudioso da teologia simbólica, utiliza o simbolismo exatamente em função dessa forma de expressão ser própria da mística. Como resultado, encontramos uma notável similaridade nas obras. Ambas destacam nos mesmos versículos a conjunção de vida e luz como temas eminentemente joaninos, mas rapidamente tomam seus caminhos particulares de estudo e meditação. A partir dessa coincidência inicial de leitura, Adrienne se aprofundará numa teologia mística feita na meditação da palavra, enquanto Charles André Bernard continuará na linha de reflexão de sua teológica simbólica. Cada um a seu modo, movidos pela fé e iluminados pelo Espírito, eles nos mostram que se Deus habita numa luz inacessível, a qual nos parece semelhante às trevas, mesmo assim não precisamos temer, mas confiar no amor de Deus. Ele é a vida eterna que nos foi doada em Cristo, cobrindo misericordiosamente nossas próprias trevas do pecado, por maiores que sejam.

**Palavras-Chave:** Amor. Mística. Palavra. Prólogo. Teologia simbólica.

### **Introdução**

Esta aproximação entre Adrienne von Speyr (1902-1967) e Charles André Bernard (1923-2001) será feita a partir do Capítulo sobre o Prólogo do Evangelho de João, da primeira autora, subitens: A palavra como vida (Jo 1,4a), A palavra como luz (Jo 1,4b) e A palavra nas trevas (Jo 1,5), da versão argentina do livro *La palabra se hace carne – Meditaciones sobre el Evangelio según San Juan, capítulos 1-5*. Para comparação e aprofundamento sobre os temas da luz e da vida, tomaremos o Capítulo V, *Luce e Vita*, do livro *Teologia Simbolica*, original italiano, de Charles André Bernard. Após as abordagens acima, que faremos do item 1 ao item 3, entraremos no item 4 deste trabalho, onde serão considerados alguns outros autores, como BEUTLER (2016), KONINGS (2016) e SESBOÜÉ (2003), para o diálogo quanto aos conteúdos estudados. Por fim, apresentamos uma conclusão.

Os dois autores principais que tomamos neste estudo, Adrienne von Speyer e Charles André Bernard, tratam dos temas da vida e da luz no Prólogo do Evangelho de João como a

---

\* Doutorando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) de Belo Horizonte. Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. cleudir.santos@hotmail.com

origem da palavra. Essa origem é o início primordial, o divino e o abismal em Deus. A palavra é a expressão e a luz de Deus. Assim, origem e palavra estavam em Deus.

É sob este convite à fé que passaremos à meditação sobre a palavra como vida e luz. A ideia, ao relermos uma vez mais os versículos 1,4-5 do Prólogo de João, dialogando e fazendo uma aproximação entre a mística Adrienne e o teólogo Bernard, é justamente experimentarmos a força e a felicidade da salvação em Jesus, conforme a Palavra.

## **1 Adrienne von Speyr e Charles André Bernard, vidas e obras**

Adrienne von Speyr nasceu em La Chaux-de-Fonds, Suíça, em uma família protestante de classe média alta. Seu pai, Theodor von Speyr, era um oftalmologista. Sua mãe, Laure Girard, era descendente de uma família de relojoeiros e joalheiros suíços. Adrienne converteu-se ao catolicismo em 1940. Leiga, médica e mística, ainda é pouco conhecida no meio teológico. Recebeu graças de oração, visões, aparições, carismas de cura e estigmas. Teve sua importância reconhecida pelo esforço e acompanhamento contínuo do teólogo Hans Urs von Balthasar (1905-1988).

A Bíblia é a fonte dos escritos, meditações e contemplações de Adrienne. Suas leituras das Escrituras são uma exegese contemplativa, ou seja, são formas oracionais e não interpretações exegéticas. São apresentadas em formatos totalmente novos para a sabedoria da fé, por isso importantes para os estudos místicos. Entre 1944 e 1960, von Speyr ditou a von Balthasar cerca de sessenta livros de comentários espirituais e bíblicos. Juntos, eles fundaram em 1945 a Comunidade de São João, um instituto de leigos consagrados. Um histórico dessa vocação e trabalho conjunto, bem como algumas publicações, podem ser encontradas em <https://balthasarspeyr.org/es>.

Charles André Bernard, por sua vez, nasceu em Berck, Pas-de-Calais, França, em 18 de março de 1923. Ingressou na Companhia de Jesus em 1943. Tornou-se Doutor em Filosofia, com uma tese intitulada *Natureza e vontade segundo Santo Tomás de Aquino*, e; Doutor em Teologia, com uma tese sobre a Teologia da esperança segundo Santo Tomás de Aquino. Foi professor do Instituto de Espiritualidade da Universidade Gregoriana, onde também foi diretor, começando em 1961 e permanecendo até o ano de 1998.

As pesquisas de Padre Bernard concentram-se nos fundamentos da teologia espiritual, passando com mestria e originalidade pelas teologias simbólica, afetiva e mística. Suas principais obras são: *Teologia Espiritual* (1982), *Teologia Simbólica* (1984), *Teologia Afetiva*

(1985) e Teologia Mística (2005), uma publicação póstuma. Destacamos também sua tríade intitulada O Deus dos místicos, com os volumes: I. A vida da interioridade (1996), II. A conformação a Cristo (2000) e, III. Mística e ação (2004). Padre Bernard faleceu em Roma, no dia 01 de fevereiro de 2001. Sobre sua vida, obras e alguns downloads, temos o endereço <https://www.amiciadipadrebernard.org/>.

## **2 Vida e luz no Prólogo de João, conforme Adrienne von Speyr**

No Prólogo de João, versículo 1,4a, Adrienne continua demonstrando, como faz desde o início do seu livro, sua mestria em desentranhar do texto bíblico novos significados, sempre enriquecendo a leitura com suas ricas e profundíssimas interpretações místicas. Do seu ponto de vista, a vida que está em Deus não é como a vida biológica de vida e morte que conhecemos, mas trata-se de uma vida eterna que nos escapa inteiramente à compreensão.

Duas ideias vão se destacar nessa leitura de Adrienne. Na primeira, inspirada nas entrelinhas de João 1,4a, onde diz que na palavra estava a vida, Adrienne implicitamente nos remete à lembrança do Profeta Jeremias (Jr 18,1-6) e somos convidados a sermos barro na mão do oleiro, ou seja, deixarmos-nos modelar por Deus, ao longo da vida, até ficarmos completamente pacificados.

A segunda ideia destacada também no desenvolver da meditação de Jo 1,4a mostra que o caminho rumo à eternidade passa pelas renúncias, pela morte do pecado, que é não dar e não receber nada, fechando-se ao amor de Deus. No Prólogo, Adrienne chama a atenção para os tipos de morte, começando pelas pequenas coisas, nas pessoas, até a morte trinitária.

Jesus experimenta a morte na sua carne. A experiência carnal de Cristo tocou a Trindade. O que se passa em Cristo, também foi vivido pelo Pai e pelo Espírito Santo. Adrienne contempla que esse é o verdadeiro drama da morte de Jesus na Cruz, a morte da Trindade. Quando Jesus é atingido pela lança na cruz é realizada a totalidade da salvação.

Na leitura de João 1,4b, a palavra como luz, ao fazer a distinção entre vida e luz, Adrienne diz sobre aspectos importantes da vida cristã, envolvendo tanto os fiéis, quanto a oração, a Igreja, a missa e a missão. Vida e luz, como percebido por Adrienne, não são a mesma coisa. Para ela a vida é doação, tensão, individualidade, beleza e fé. A luz é participação, relaxamento e amor.

Muitos cristãos vivem sem intimidade com Jesus na oração, sem a luz de Deus e, portanto, sem o envolvimento interior que permite assumir os riscos dessa participação. Para

atuar é preciso viver em oração e escutar a Deus. É necessário estarmos sempre prontos para responder como o jovem Samuel ao ser chamado por Deus (1Sm 3,10). Somente quando tomamos os caminhos do seguimento a Deus é que, aos poucos, somos iluminados e podemos ir comunicando sua sabedoria. Essa luz que não tem limite nem forma é a contemplação.

Um homem pode comunicar a sabedoria de maneira gradual, a beleza só pode irradiá-la. A beleza é um ar que a envolve, um encanto, um mistério aberto e ao mesmo tempo sempre infinito e impenetrável. De maneira semelhante, a vida e a luz se comportam em Deus. Por sua vida nos esforçamos e caminhamos na fé, na luz nos mergulhamos no amor e nos realizamos. (SPEYR, 2004, p. 56, tradução nossa).

Para Adrienne também a Igreja de Deus é vida e luz. A Igreja está no mundo e irradia a luz de Deus na forma de uma luminosidade impessoal como resposta de Deus à contemplação humana. A missa, por sua vez, é o drama e a tragédia do Senhor, mas também é um ato de Deus que se faz mais pleno pela participação da comunidade.

Conforme Adrienne (2004, p. 58), um cristão que consome sua vida trabalhando na Igreja, na liturgia ou na caridade, mas que não consegue se abrir à luz e à voz de Deus, não consegue participar da verdadeira vida da Igreja. Seu ativismo é estéril e não lhe permite realizar sua vida em plenitude na luz de Deus.

Na interpretação que faz do versículo 1,5 de João, quatro pontos aparecem com destaque, o significado das trevas de Deus, as trevas do pecado, o ódio e a cruz, e o sofrimento da Trindade na redenção pela Cruz.

As trevas de Deus representam o seu mistério, o inexplicável, aquilo que não podemos abarcar. Por outro lado, é uma qualidade da luz inacessível e eterna de Deus. Nas trevas se escondem o mistério. “Em Deus, as trevas são uma qualidade de sua luz eterna. Sua luz é impenetrável, permanece um mistério eterno. Sua claridade suprema a nós nos parece escura, pois não a suportamos” (SPEYR, 2004, p. 61, tradução nossa).

O pecado consiste em não suportar o amor de Deus e seu mistério inesgotável. Por isso o pecado é como uma treva que se opõe às trevas de Deus, querendo iluminá-las. O homem quer saber o que faz Deus, como ele é. Não aceitar que o conhecimento doado por Deus é limitado coloca o homem na noite do pecado.

Mas “o amor do Senhor, que na cruz é doado às trevas, é triádico” (SPEYR, 2004, p. 66, tradução nossa). Isso significa que esse amor é sacrifício aceito, doação e derramamento. Todavia, essa plenitude de luz que emana da cruz alcança as trevas que não a acolhem. Como explica Adrienne, essas trevas são o pecado na forma do ódio do mundo contra o amor. Entretanto, será pelo Filho enviado e ressuscitado que prevalecerá o amor de Deus. O sentido

trinitário então brilhará sempre com maior intensidade, porque o brilho da luz crucificada do amor se dá nas trevas de Deus, na separação divina entre Pai e Filho, com a participação do Espírito Santo.

### 3 Vida e luz na teologia simbólica de Charles André Bernard

A teologia simbólica de Charles André Bernard coloca em relevo a ideia de elevação da alma em direção à luz. O processo espiritual, nesse sentido, exige uma opção ética em face de uma vida moral e espiritual. Há então uma coincidência essencial entre a escolha do bem e o acesso ao mundo da luz. Os símbolos aí utilizados dizem respeito aos bens morais, que melhor descrevem a relação entre consciência e espírito, marcando a retitude do agir consonante a uma plenitude de vida.

Nessa conjunção de luz e vida, se reconhece imediatamente um tema eminentemente joanino; Cristo é luz e vida: «Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens; a luz resplandece nas trevas, mas as trevas não a aceitaram» (Jo 1,4-5); «A verdadeira luz veio ao mundo, aquela que ilumina cada homem» (Jo 1,9). Cristo é "a luz do mundo" (Jo 9,5). Que esta luz tenha um significado ético pode ser facilmente compreendido pela leitura da Primeira Carta de João, que de certa forma identifica a luz e o amor ao próximo: "Quem ama a seu irmão permanece na luz" (1 Jo 2,10) (BERNARD, 1984, p. 225-226, tradução nossa).

Bernard (1984, p. 226) coloca em evidência na vida moral cristã a oposição entre dois conjuntos de símbolos, luz, amor e vida de um lado e, trevas, ódio e morte de outro lado. Entretanto, conforme adverte, não é tão simples a oposição entre luz e treva, porque não se pode, por exemplo, confundir a noite escura de São João da Cruz (1542-1591), “mais amável que a aurora”, ou a “treva luminosa” de Dionísio Areopagita, com as trevas do pecado.

Pela doutrina do místico espanhol, a vida divina é luz para alma, mas a submete à escuridão da noite, num dinamismo que faz com que essa noite chame o dia que despontará. Essa ideia é explorada por Bernard (1984, p. 269) em relação ao Salmo 139,12 “mesmo a treva não é treva para ti, tanto a noite como o dia iluminam”, e também quanto ao hino pascal *Exultet*, quando diz que “a noite é minha luz”.

Do ponto de vista simbólico temos aqui um caminho de purificação da alma. Os símbolos da noite estão no contexto da travessia, alcançando a aurora e o dia pleno. As dúvidas e as dificuldades enfrentadas pela alma nesse processo estão na identificação da luz divina com a noite escura, já que, como vimos, esta ilumina e purifica a alma. As trevas do pecado também se fazem presentes, porém são superadas na medida em que a alma se deixa conduzir pelo

misterioso chamado de Deus. Todavia, como a Sabedoria divina supera a capacidade da alma, então ela se acha ante trevas e sofrimento.

Às trevas segue-se o silêncio. Há uma escuridão luminosa também no silêncio. Mas há muitos tipos de silêncio. Consideramos que “o silêncio é em primeiro lugar a condição para a escuta de Deus e se contrapõe a cada discurso inútil e vão” (BERNARD, 1984, p. 273, tradução nossa). É no silêncio que a presença Deus fortifica a alma. Esse silêncio de Deus se dá na profundidade da alma e lhe fala ao coração, em pacífica e absoluta solidão, como diz o Salmo 85,9: “Ouvirei o que Iahweh Deus diz, porque ele fala de paz”.

Embora o símbolo da noite também signifique aniquilamento, esvaziamento, pobreza e nudez, por isso mesmo propicia e indica para uma atitude de atenção para com a existência espiritual. Sendo assim, as trevas são apenas um aspecto da noite. Sua significação simbólica geral é a de um tempo de germinação e gestação que faz a vida florescer como em um dia pleno. A afetividade aparece aqui com sua dupla dimensão, pois, “orientada para o exterior, é também expressão do estado interno do sujeito” (BERNARD, 1985, p. 23, tradução nossa). Essa é a riqueza do significado do símbolo da noite, alcançar a profundidade da alma e da vida.

#### **4 Vida e luz – aproximações e contextualizações entre Adrienne von Speyr e Charles André Bernard**

É notável a similaridade e precisão com que os dois autores tratam dos temas da vida e da luz a partir do Prólogo do Evangelho de João. Adrienne von Speyr dedica três subcapítulos para os versículos 1,4-5. Como vimos, o primeiro para a palavra como vida, o segundo para a palavra como luz, e, o terceiro, para a palavra nas trevas. Sua meditação sobre eles são detalhadas numa profundida mística cuja linguagem desafia o entendimento, porque elaborada de forma orante. Charles André Bernard igualmente destaca nos mesmos versículos a conjunção de vida e luz como temas joaninos de transformação e elevação da alma. Sua diferença está no caminho da teologia simbólica, com a qual vai explorar os significados simbólicos dessa leitura.

Sobre o contexto geral do Prólogo do Evangelho de João, numa síntese do que começam expondo Adrienne e Bernard, encontramos em Sesboüe as seguintes considerações:

Este prólogo expressa o resultado último de uma longa meditação sobre a origem de Jesus. Faz-nos regressar à origem absoluta daquele que estava, ao mesmo tempo, junto a Deus, voltado para Deus e é o próprio Deus. O autor refere-se, também ele, à tradição dos escritos de sabedoria ao identificar Jesus com o Verbo, termo próximo do de Sabedoria, palavra divina e criadora. Porque este Verbo é, antes de mais, criador. É também, para os homens, vida

e luz. Cada um é também convidado a crer nele e a reconhecê-lo como a luz da sua vida (SESBOÛÉ, 2003, p. 426).

Quando entramos especificamente nos versículos 1,4-5, conforme explica Beutler (2016, p. 47), deixamos o plano da criação anunciado nos versículos anteriores e entramos naquilo que nos diz quanto à nossa própria salvação.

Feitas essas considerações teológicas que destacam a propriedade dos nossos autores em estudo, podemos observar que Adrienne von Speyr se aprofundará numa teologia feita de meditação da palavra, enquanto Charles André Bernard continuará na linha de reflexão de sua teológica simbólica, no contexto de sua própria experiência como professor de teologia espiritual, quando desenvolve também suas teologias simbólica, afetiva e mística. A diferença fundamental entre os dois autores, portanto, está nas abordagens, a primeira é mística e a segunda envolve a teologia simbólica.

Konings (2016, p. 12), chama o Quarto Evangelho de “ruminação”, isto porque em seu entendimento, embora João contenha um arcabouço narrativo, ele é mais uma meditação ou conjunto de homilias pelas quais se faz um aprofundamento da memória de Jesus e da fé em seu anúncio. Essa meditação sobre a tradição a respeito de Jesus, na forma como colocada por João, tem naturalmente a função de reavivar a fé, de nos trazer de volta aquilo que tínhamos aprendido, mas que queremos meditar uma vez mais. Nesse sentido, Adrienne faz uma imersão mística no texto de João, enriquecendo e encontrando novos significados que esclarecem e alimentam a fé.

Mas não é o conhecimento que nos habilitará ao mistério de Deus. O conhecimento não pode ser colocado no lugar da fé amorosa que pressupõe a mútua confiança. “Para o crente, o grito com que o Filho mostra na cruz seu abandono é a expressão mais elevada do conhecimento de Deus. Nesse instante, o Filho toma sobre Si todo o pecado e sofrimento do mundo, e deste modo, consuma sua missão” (SPEYR, 2020, p. 40, tradução nossa).

A teologia simbólica de Charles André Bernard, por sua vez, coloca em relevo a ideia de elevação da alma em direção à luz. Para tanto são levantados aspectos éticos e morais inerentes ao movimento de transformação espiritual. É necessário escolher a vida e a luz, ou, como ensina Adrienne, a fé e o amor, para buscar a plenitude espiritual que é também a plenitude da vida. Entretanto, a complexidade da situação humana, pela qual o homem é ao mesmo tempo pecador e criatura sujeita ao devir, exige um discurso mais flexível.

Atendo-nos aos temas da vida e da luz, observamos que Bernard (1984, p. 269) chega ao símbolo da noite para concluir que as trevas divinas estão no âmbito da limitação humana

de compreensão, compondo um espaço infinito onde espírito não pode orientar-se e desse modo se purifica do pecado, abrindo-se cada vez mais ao amor de Deus.

Para Bernard, como que por complementariedade, as trevas são apenas um aspecto da noite e guardam em seu interior todo o simbolismo da luminosidade da noite da ressurreição, “a noite bendita em que a vida explode novamente” (BERNARD, 1984, p. 269, tradução nossa). Para Adrienne, semelhantemente, as trevas são uma qualidade da luz de Deus. “Deus é luz e nele não existem trevas que sua luz não domine” (SPEYR, 2004, p. 61, tradução nossa). Essa é a aproximação essencial entre os dois autores.

### Conclusão

O Prólogo do Evangelho de João nos mostra que a Palavra de Deus entra no mundo, desde a eternidade, para fazer-se carne. A vida e a luz de Deus, que são dons desse movimento de salvação, nos são plenamente comunicados. Entretanto, as trevas do pecado se opõem à Palavra. Nesse aspecto Adrienne conduz sua meditação sempre atenta à liberdade humana diante de Deus. Bernard lembra o aspecto ético da necessária escolha pelo bem eterno que nos leva à salvação.

Ambos os autores, Adrienne von Speyr e Charles André Bernard, cada um a seu modo, movidos pela fé e iluminados pelo Espírito, empreendem diferentemente suas respectivas jornadas de reflexão e escrita sobre o Prologo de João. A mestria e a inspiração de cada um tem a propriedade de nos conduzir para uma melhor compreensão do inesgotável mistério de Deus. Juntos eles nos mostram que se Deus habita numa luz inacessível, a qual nos parece semelhante às trevas, não precisamos temer, mas confiar no amor Deus. Ele é a vida eterna que nos foi doada em Cristo, cobrindo misericordiosamente nossas próprias trevas do pecado, por maiores que sejam.

Embora caminhem por leituras diferentes, há na mística de Adrienne uma rica e natural apropriação da linguagem simbólica. De modo análogo, há na teologia simbólica de Bernard o domínio da mística. Assim, os dois ensinamentos se completam para que a vida e a luz de Deus estejam sempre a nos alcançar.

### Bibliografia

BEUTLER, Johannes. Evangelho segundo João. Comentário. São Paulo, Loyola, 2016.

BERNARD, Charles André. *Teologia Simbólica*. Roma: Paolini, 1984. Disponível em <<http://www.amicidipadrebernard.org/wp-content/uploads/2019/05/Teologia-simbolica-compresso.pdf>>. Acesso em 14 nov. 2020.

BERNARD, Charles André. *Teologia afetiva*. Roma: Paolini, 1985. Disponível em <<http://www.amicidipadrebernard.org/wp-content/uploads/2019/05/Teologia-affettiva-compresso.pdf>>. Acesso em 14 nov. 2020.

KONINGS, Johan. *O Evangelho do discípulo amado: um olhar inicial*. São Paulo: Loyola, 2016.

SESBOÜÉ, Bernard. *Pensar e viver a fé no terceiro milênio*. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003.

SPEYR, Adrienne von. *La palabra se hace carne*. Meditaciones sobre el Evangelio según Juan, Capítulos 1-5. Rafaela: Fundación San Juan, 2004.

SPEYR, Adrienne von. *Disponibilidad para el Espíritu Santo*. Verfügbarkeit zum Geist (texto mecanografiado), Johannesgemeinschaft-Archiv, Basel. Traducción española: Community of St. John, 2020. Disponível em <<https://balthasarspeyr.org/wp-content/uploads/2020/10/Speyr-A.B016-spa-Disponibilidad-para-el-Espi%CC%81ritu-Santo.pdf>>. Acesso em 15 nov. 2021.